

A dissolução do sujeito e a estética da existência como experiências de transgressão ética, em Sade e em Foucault.

Keitiana de Souza Silva¹

Francisco Vítor Macedo Pereira²

Resumo:

O sujeito transgressor e estilista que Michel Foucault (1926-1984) faz surgir em sua última obra é pontuado não apenas como resultado da reflexão e da experiência que o autor tem a partir de suas leituras de Sade (1740-1814), de Nietzsche (1844-1900), de Bataille (1897-1962) e de Klossowski (1905-2001), mas igualmente como elaboração estética de sua própria atuação filosófica e política no meio intelectual e cultural do pensamento ocidental contemporâneo. Foucault *se inspira* (muita vez no horror) e tem como objetivo arrancar o sujeito de *si mesmo*; ou fazer com que ele atinja a dissolução dos elementos que o prendem ao racionalismo das convenções moralizantes de poderes e de instituições burguesas. Empresa de desassujeitamento, que podemos chamar também de destituição ou de dissolução subjetiva.

Palavras-chave: Estética da existência; Erotismo; Sujeito; Transgressão; Dissolução.

Michel Foucault (1926-1984), em seus últimos escritos, descreve que os sujeitos que optam por uma construção subjetiva *autônoma e criativa de seu ser* têm de eticamente assumir a intensão, além da intenção, estético-existencial da própria vida: a envolver corajosamente experiências de erotismo e de sexualidade vivenciadas para além dos subterfúgios da tradição racional moral; a escaparem resistencialmente às normas da religião, da ciência e do direito. Isso se dá haja vista a sua exclusão e o seu não-enquadramento aos princípios de identidade burguesa, requeridos pelo modelo de sociedade ocidental. Dessa forma, a *estética da existência* surge conceitualmente nos debates filosóficos da Pós-Modernidade justamente a partir da última das fases que compõem a obra de Michel Foucault, notadamente aquela que nega o sujeito como produto do poder e o exorta à invenção e à escrita de si.

De fato, dos últimos escritos do filósofo exsurge algo aparentemente inédito, que é justamente a inclusão da temática de um *sujeito esteta de si*. Essa fase seria denominada de *genealogia ética do sujeito*, e é basicamente composta por suas duas últimas obras inseridas no projeto d'*A História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres*

¹ Professora Mestra de Filosofia do IFPB, Cabedelo.

² Professor Doutor de Filosofia do CEDUC da UEPB. Coordenador do Núcleo *Extemporâneo* de Filosofia da UEPB.

(1983) e *O Cuidado de si* (1984). O autor que havia sido acusado de esvaziar o sujeito, nesse momento de sua obra, fá-lo então ressurgir *como ser capaz de resistir à sujeição*.

Essa nova atuação do sujeito *livrado para si mesmo*, que é abordada na genealogia ética, é denominada por Foucault de *estética da existência*; a qual é apresentada em sua obra como um elogio ao sujeito transgressor e *esteta de si mesmo*. Compreendemos que a transgressão apresentada como ingrediente fundamental à estetização da existência, conforme apresentada na obra de Foucault, é herdeira imediata de sua compreensão e de sua vivência acerca da literatura erótica do Marquês de Sade (1740-1814); que postula libertinamente a desconstituição das fixações da identidade e da produção normativa do sujeito.

Diante disso, esse trabalho se propõe a apresentar, posto que de forma bastante panorâmica, a estética da existência como a própria dissolução do sujeito, atuada na obra madura de Michel Foucault; primazmente com base em suas leituras e em suas experiências de vida hauridas, sobretudo, de sua interpretação vital da obra do Marquês de Sade. Objetiva-se dizer que o que é percebido como *algo subversivo* na proposta foucaudiana acerca de uma *estética da existência* está sumamente presente na literatura erótica de Sade, a qual Foucault muitíssimo sorvera na década de sessenta, mantendo-a próxima dos seus estigmas de loucura e de desregramento como ativações estéticas em foco ao escopo de dissolução do sujeito moderno.

Com ênfase, o sujeito em Sade se afoga e se dissolve no lúdico mundo da loucura e da transgressão, tendo representação privilegiada na coragem ousada e liberta de suas experiências sexuais; pois que assume uma visão do erotismo e das práticas da sexualidade em dimensões radicalmente distintas dos cânones da moralidade ocidental. O sujeito em Sade-Foucault não sabe, pois, *quem é* e não tem medo do que é. É um sujeito à deriva, a sua identidade é diluída, o seu ser é flamante e flutuante. Nesse contexto, a loucura propriamente é o que imprime a fascinação *de estar à deriva*. Sob esse aspecto, a proposta filosófica de Sade, por assim dizer *retomada por Foucault*, tem características de uma loucura estigmatizada; cujas marcas são reacendidas e revividas na arte e na literatura interpretadas por Foucault. Em Sade, segundo Foucault, o sujeito é *descaminhante*, e é reconhecido esteticamente como louco.

Não d'outro modo, os estilos próprios de vida teorizados e atuados por Foucault não foram senão aqueles justamente vivenciados – pelo menos de maneira

prevalente – por todos os que foram tidos historicamente como *anormais*, aqueles que destoam dos padrões; entre outros aspectos por conta de suas emoções consideradas descontroladas e por suas paixões irascíveis. Nesse mesmo sentido, chama a atenção o fato de a literatura sadiana não se preocupar em poupar o seu leitor. Ao contrário, o autor convida todos os que pendem à ousadia a lerem as suas obras apaixonadamente, sem receio de se depravarem: a apresentarem o *mal* e os *desvios* como maiores formas de liberdade. Por isso, as suas personagens centrais são representantes de autênticas paixões e de intensas libertinagens.

Assim como os seus contemporâneos iluministas, Sade almejou relacionar o *sujeito* e a *liberdade* como experiência possível; mas ao contrário do tradicional conceito de liberdade apregoado pelo Iluminismo, o Marquês acreditava que a liberdade só seria possível como libertinagem. Na literatura sadiana, o sujeito forte deve desaparecer em nome do desejo e do prazer imensos, desmesurados, desbocados... Não por outro motivo, a sua literatura erótica dissolve as ideias apregoadas pela metafísica filosófica ou moral de um sujeito dualista, centrado na racionalidade. O sujeito sadiano, com ênfase, se afoga no mar da libertinagem, dissolvendo-se de todos os componentes morais, religiosos e racionais: na forma de uma tresloucada e supostamente pervertida *estética da existência*.

Esse mesmo sujeito diluído é reapresentado preponderantemente por Foucault; que contrapõe ao ideal de *sujeito moderno racional* o de *sujeito a desassujeitar-se*: a expressar a sua vida na significação estética e atitudinal de suas paixões. Disso se segue que Foucault expõe na Filosofia Contemporânea uma espécie de *ética que aderna*, como resistência a toda a normatividade moderna. Fica claro, então, que essa inédita proposta de sujeito implica necessariamente a retomada do sujeito *tal como apresentado na literatura erótica do Marquês de Sade*.

No que pese à comprovação disso, não se pode negar que toda a literatura sadiana tem como pano de fundo a história da libertinagem setecentista, a partir da qual Donatien Alphonse tinha como intuito descrever o ser humano em seu subsolo, conhecendo o quê de obscuro existe dentro de todo o sujeito racional. De fato, o Marquês apresenta o ser humano expondo-o em suas particularidades mais obscuras e mais obscenas, e a sua literatura filosófica faz-se, assim, a maior expressão do que é de fato a liberdade humana, bem como do modo pelo qual ela corresponde à ideia daquilo

que o universo humanístico da modernidade formulou como o *mal*. Para Moraes, “o principal traço da liberdade em Sade é o individualismo radical, cultivado paralelamente à absoluta negação do outro”³.

Modo geral, o objetivo maior da literatura erótica do autor de *Justine, ou les malheurs de la vertu* (1791) consiste na busca de revelar a verdade subterrânea do humano que, na sua concepção, se opunha àquela outra apregoada em toda a história da filosofia moral. Ele teve a ousadia de conceber aquilo que até então era inconcebível; que o natural ao homem é o egoísmo, a maldade, o desejo insaciável. Dessa forma, os heróis de seus livros desentendam do ideal virtuoso; presente no imaginário literário e filosófico do seu tempo.

Em verdade, por intermédio de sua literatura da subversão, Sade elabora uma *ética da soberania*, na qual fundamentalmente estaria calcada a *estética da existência* – formulada mais de duzentos anos mais tarde por Michel Foucault. Em outras palavras, podemos entrever a proposta ético-existencial de Foucault como desdobramento de uma ética já anteriormente sugerida pela escrita de Sade: a dissolver moralmente o sujeito, libertando-o da racionalidade fundadora de prédicas e de identidades moralmente parametrizadas, possibilitando a existência estilizada de heróis libertinos.

Não resta dúvida de que o Marquês de Sade apresenta uma proposta de vida e de arte transgressoras, que pode estar relacionada – desde a Modernidade – com a experiência da loucura. Um labirinto trágico, de descomedimento estético, de desrazão e de ilação amoral, que encontra *razão para existir* na Literatura. Esse estilo de vida, de estética transgressora, é o que é – em uma intensidade bastante próxima – retomado na teorização e no ativismo filosófico de Michel Foucault; na forma de *uma estética da existência*. Ao que equivaleria, em outras palavras, um *fazer da vida uma obra de arte*. Vida a ser audazmente atuada e registrada, traduzida inclusive em experiências de loucura – as quais valem a pena ser sentidas, a despeito de todas as dores que desferem.

Essa literatura e essa vida de transgressão em Sade, filosoficamente, equivalem a múltiplas possibilidades de desterritorialização do sujeito. A proposta literária do filósofo e escritor maldito nos permite enfaticamente abrir os olhos para a possibilidade de experiências que não se restringem aos mecanismos de controle do racionalismo filosófico e científico, tampouco das regras impostas por uma sociedade que é

³ Moraes, E. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*, p.10.

conduzida pelos privilégios da exceção de poderes moralizantes. Contra o império da razão, Sade propõe o combate à moral, na forma de uma estética da existência vivida como experiência de ultraje e de transgressão, assim como de percepção trágica da loucura e da perversão; as quais possibilitam a exaltação da diferença e franqueiam a liberdade de se ser louco. Com efeito, Sade exorta o sujeito a promover o uso de suas múltiplas sensações e experiências criativas e mutantes no próprio corpo, a fim de fazer da vida *uma obra de arte*.

Nesse intuito, o Marquês nos leva a dialogar não apenas com Foucault, mas com as vozes de Nietzsche, de Blanchot, de Klossowski e de Bataille. Esses teóricos referenciam Sade em suas obras, o que nos leva a crer na intrínseca ligação entre Filosofia como *estética de si* e Literatura como *escrita de si*. Em suma, arte e transgressão como conceitos que enobrecem estilos audazes de experimentação erótica e sexual, a fim de promover das experiências da vida algo verdadeiramente autêntico, intenso e inusitado. Algo que não é simplesmente uma explosão discursiva em nome da diversidade, como ocorre contraditoriamente em nossos debates atuais acerca de infamantes direitos sexuais. Ademais, a literatura sadiana nos mostra que um sujeito só é verdadeiramente livre por meio da transgressão assumida no próprio corpo, na negação ousada da moral e da norma em todos os níveis de confrontação com as mesmas.

A isso equivale dizer que o sujeito só tem como ser livre à margem da visão dualista de certo e de errado, de *bem* e de *mal*. A liberdade em Sade é, em vista disso, agonística. O sujeito moderno, por sua vez, não deixa de estar a todo o tempo aprisionado à ideia de princípios morais, de modo que a sua liberdade só encontra esteio na contramão desse ideário moral, presente em toda a História da Filosofia Ocidental. Ao arrepio de tudo isso, liberdade em Sade é a própria libertinagem e só se concretiza, pois, na transgressão.

Modo geral, são recorrentes as teorizações sobre a dissolução do sujeito em Nietzsche, em Bataille e em Foucault; ao passo que Sade torna-se esquecido nas teorias de crítica à noção moderna de subjetividade. O lugar pontual do sujeito sadiano é, via de regra, esquecido. O réprobo literato é lembrado pela maldição de seus escritos, mas os aspectos ético-estéticos dessas obras literárias pouco são explorados. Na contramão dessa constatação, anelamos apontar, já desde a literatura do Marquês de Sade, a nova e

audaz configuração do sujeito que está presente na filosofia contemporânea de Michel Foucault. Almejamos resgatar a ideia de sujeito e de liberdade em Sade, na forma daquilo que Foucault denominou como uma *estética da existência*; a qual somente é possível a partir das experiências eróticas de transgressão moral e racional. Na concepção desse propósito, não existiria autor mais adequado (para esse diálogo) do que o filósofo/escritor maldito: que fez da sua própria vida uma estética da existência e da transgressão dos modos o seu cometimento mor – a promover a erotização libertária da Literatura e da Filosofia do seu tempo.

A literatura sadiana postula conhecer o homem em sua totalidade, avançando sem medo aos territórios perigosos e sombrios do ser – *nos quais os seus contemporâneos iluministas não ousaram caminhar*. Ele ambicionou ampliar as suas possibilidades de entender esse animal complexo, a que chamamos de ser humano. A literatura do autor de *Crimes de l'amour* (1800) tinha como finalidade tudo dizer sobre o sujeito; não mascarando as suas verdades, interrogando-o em flagrantes de incesto, de tortura, de assassinatos e de violência. Por conta de sua proposta ousada e agressiva, a obra literária de Sade é acusada de ameaçar o seu leitor. Ordinariamente, a redução da obra ao terror justifica o longo período de censura que sofreram os seus escritos e que, infelizmente, ainda sofrem. Igualmente na consciência disso, o nosso intento remete-nos à atualização das discussões filosóficas acerca dessa literatura; apenas comentada superficialmente por muitos, mas pesquisada a fundo ainda por muito poucos. Interessamos, outrossim, a atualização da literatura dos filósofos que recorreram a Sade para desterritorializar o sujeito; autores que reconheceram a influência da literatura de Sade, não apenas em suas teorizações, mas também em seus modos de pensar e de encarar a vida. Entre eles, preponderantemente, Michel Foucault.

Otávio Paz⁴ lamenta a peja de *perigosa*, ordinariamente atribuída à obra de Sade, pontuando que qualquer obra pode trazer perigo ao leitor, *a depender do/no que depender do leitor*. Para ele, a própria Bíblia é motivo para justificar grandes atrocidades. O leitor de Sade *em si* não é, por isso, um perigo em potencial; o que ele alcança é apenas a possibilidade de conhecer o subsolo do sujeito – o qual em Sade é revolvido das bases da Modernidade a partir de uma representação, *digamos*, diferente da realidade comum das distensões humanas. Sade, de fato, expõe *o verdadeiro ser*

⁴ *Apud* Morais, In: Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina. São Paulo: Iluminuras, 2006.

humano; a desentoá-lo completamente do conceito moderno de sujeito. Nesse sentido é que a sua literatura abre espaço para a compreensão ético-estética da desrazão, compreensão essa que será reivindicada mais tarde por Foucault⁵.

Já segundo George Bataille (1887-1962), a literatura de Sade busca descobrir na criação artística aquilo que a realidade recusa, operando uma ruptura com o mundo; ou melhor, com as suas convenções e exigências sociais de ordem moral. Por isso, Sade rompe com qualquer escrúpulo da tradição humanista, comunicando-se intensamente com o que o leitor tem dentro de si e que é apresentado aversivamente na sua obra literária. Retomar a obra de Sade é, portanto, reencontrar o homem aprisionado pela razão que existe no interior de todo sujeito, a esconder-se nas vestimentas de uma razão que se coloca como superior às paixões.

Isso nos leva a pensar acerca da importância de se estudar Sade, especificamente quando queremos falar do sujeito *esteta de si*. Eis que toda a obra literária do Marquês nos convida ao diálogo com o *desassujeitamento*, pois o autor de *Justine* (1788) tem na escrita de si o fundamento da filosofia do sujeito: a dialogar abertamente com o profano, com o desentranhamento do sagrado, com os monstros interiores do sujeito – os quais a psicanálise pontuou clinicamente após mais de cem anos em suas teorizações.

Nesse mesmo prumo, a ética na forma da *estética da existência* de Michel Foucault e a *ética da soberania* de George Bataille apresentam como fundamento primaz a literatura erótica do Marquês de Sade. O próprio Bataille esclarece isso em sua obra *O Erotismo* (1957). Para ele, vivemos presos às convenções sociais, prestamos contas o tempo todo de nossos atos à lei da razão. Vivemos em um mundo dissimulado e que, em virtude disso, foi reduzido à fria razão. Contrafeita a essa ordem, a literatura de Sade se apresenta ao leitor como uma possibilidade de derrisão das éticas prescritivas. O que não se trata, contudo, de resistir à moral, mas de ser completamente

⁵ Os escritos de Michel Foucault têm como principal foco o sujeito. O próprio autor reconhece que toda a sua obra investiga acerca de como nós, sujeitos contemporâneos, nos tornamos o que somos. Para tanto, ele recorre inicialmente à tradição filosófica, a fim de criticar a noção de sujeito que emerge na/da Modernidade com Descartes. Foucault analisa ainda a perspectiva psicanalítica da subjetividade, demonstrando as suas imprecisões e as suas insuficiências. “O que podemos chamar de indivíduo não é aquilo que se prende a esse poder político, o que podemos chamar de indivíduo é o efeito produzido” (Foucault, M. *Ética, sexualidade, política: ditos e escritos*, p.69).

indiferente a ela; pois que toda prescrição moral postula sujeição.

Do que se expõe, caso haja mesmo uma proposta para a literatura sadiana, cremos que não possa ser outra senão a que é apresentada posteriormente por Foucault e por Bataille como *ética de estilização da existência* e como *ética da soberania*; que em suma são a mesma ética de transgressão contínua, de insubordinação decidida, de conflito e de enfrentamento da crise, do agir constante ante a agonia de viver e de desejar. De uma maneira geral, a proposta literária de Sade é a de afogar o homem em seu próprio desespero moral, de modo que o arremeta à reversão ética, que o desorienta totalmente; levando-o ao descaminho, à saída da linha da razão.

É dessa forma ainda, que a estética da existência sadiana só se realiza no louco, no pervertido sexual, no delinquente, no invertido; referenciados constantemente também por Foucault em sua obra. O esteta de si em Sade será aquele que Foucault diz só ter a possibilidade de existir na literatura, no lúdico. A realidade e o conhecimento racional não permitem a existência do esteta de si na realidade que é controlada e que é admoestada pela razão. Por isso, em toda a sua existência, o sujeito é compungido a agir em representação, a endossar *máscaras e roupas de normalidade* – no afã de esconder o pervertido que verdadeiramente é.

A literatura sadiana, enfim, é a que despe o sujeito de toda a veste racional e franqueia-lhe a existência do *esteta de si*, do transgressor, *do homem de verdade* em todo o conjunto de sua obra. Sade, por último, é o autor que proporciona a dissolução do sujeito. Na busca de mostrar a verdade sobre o sujeito, ele rompe com o modelo de literatura produzida em seu tempo e escreve obras literárias que precisam de cúmplices como leitores. Seus leitores são aqueles que ousam reconhecer o libertino que está involucrado dentro de *si*. As obras do Marquês descerram a calceta desse libertino adormecido.

Noutro sentido, o leitor não encontrará grandes descobertas na literatura de Sade, mas representações do que o tempo todo o sujeito racional busca camuflar em/de si mesmo. Assim descreve-se a personagem de Minski, quando se apresenta a Juliette: “É preciso muita filosofia para compreender... eu sei, sou um monstro, vomitado pela natureza para cooperar com ela na destruição que ela exige... sou um ser único na minha espécie...”⁶. O leitor de Sade se vê, assim, na obra; sentindo as sensações evocadas em

⁶ Sade, M. de. *Apud* Moraes, E. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*, p.21.

todos os seus textos. Por isso, ele, no início de *Os 120 dias de Sodoma* (1785), nos fala:

Cento e vinte dias, seiscentas paixões. Quatro meses de libertinagem, quatro classes de vícios (...). Muitas extravagâncias aqui ilustradas merecerão sem dúvida o seu desagrado. Mas há entre elas algumas que o aquecerão a ponto de lhe custar algum sêmen, e isso, leitor, é tudo o que pedimos (...). A você compete aproveitar o que lhe agrada⁷.

Para George Bataille, cada leitor é pessoalmente visado na literatura de Sade. O propósito do filósofo maldito é o de que o sujeito assuma a matéria que lhe cabe. Seu intuito não é negar o intelecto, nem o psicológico, mas demonstrar que os sentidos, as sensações são superiores a qualquer compreensão racional pura. Como disse Morais, “o homem concebido por Sade não é cindido: idéia e corpo operam sempre em parceria”⁸.

Sade nos convida, então, a ocupar o lugar de suas personagens libertinas, porém jamais a posição de vítimas diante da vida. Por isso, Bataille⁹ dizia ter vertigem ao ler Sade; pois ele lhe despertava *o verdadeiro eu* – que deveras existe dentro de todo leitor. A leitura de Sade nos leva à dissolução do sujeito (coisa que pensa), e à emergência do sujeito que sente, que goza, que vive e que ultraja todas as promessas exteriores da virtude e da moralidade (o sujeito da verdade e da escrita de si). O libertino de Sade não permite que o seu corpo seja corrompido pelas ideias, pois para ele só o que é singular *em experiência estética e erótica* é que é verdadeiro, e as ideias – simplesmente – nunca são singulares, ou intensa e verdadeiramente experimentadas pelo corpo. O que cada indivíduo *realmente sente* foge a quaisquer repetições (as quais constituem a base em que se afigura cognitivamente toda ideia, mas não as experiências de vida – as quais não podem ser propriamente narradas, senão vividas).

O triunfo dos sentidos em Sade é o triunfo da própria Filosofia, que se liberta da reprodução racional. Conforme ressaltou Bataille (1987): “É preciso hoje que cada um de nós preste contas dos seus atos, obedeça em todas as coisas à lei da razão. O passado, por isso, ainda não morreu em todos, e só a escória devida à sua violência dissimulada escapa ao controle”¹⁰.

Sade, por sua vez, usou da literatura para possibilitar a existência da liberdade soberana: a ser vivificada unicamente no homem libertino. Ele fez dos seus devaneios e dos seus excessos a verdade sobre o homem, elaborando um sistema de críticas ao nosso

⁷ Sade, M.de. *Os Cento e vinte dias de Sodoma, ou a escola da libertinagem*, p. 09.

⁸ Morais, E. *Lições sobre Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*, p.23.

⁹ Bataille, G. *O Erotismo*.

¹⁰ Bataille, G. *O Erotismo*, p.108.

modelo de sociedade – que fez do sujeito um mero prestador de contas, além de um passivo contumaz mediante os seus atos. Diante disso, Bataille descreve assim a literatura sadiana:

O sistema do Marquês de Sade, com efeito, não é menos a realização do que a crítica de um método que leva à eclosão do indivíduo integral acima de uma multidão fascinada. Em primeiro lugar, Sade tentou utilizar os privilégios herdados do regime feudal em benefício de suas paixões. (...) De um lado, ele tomou o partido da revolução e criticou o regime real, e, do outro, aproveitou-se do caráter ilimitado da literatura: propôs aos seus leitores uma espécie de humanidade soberana cujos privilégios não estariam ao alcance da multidão. (...) A gratuidade da invenção e seu valor espetacular deixavam aberta uma possibilidade maior que a de instituições que responderam, da maneira mais fraca possível, ao desejo de uma existência livre de limites¹¹.

O homem soberano é extremamente livre do jugo da razão, pois todo aquele que se intitula *defensor da moral e da razão* é, na verdade, um amoral em potencial; que almeja subjugar o outro com discursos racionais e moralizantes. Dessa forma, só é possível dialogar filosoficamente com a imoralidade não-camuflada e aberta, com a imoralidade evidente e destemida. O desejo sem pudores e/ou subterfúgios é, pois, o fundamento da ética sadiana, extrema. O desejo individual, por seu turno, nega o desejo alheio. Por isso, ele usa a bizarrice e o grotesco como formas de elaborar um pensamento isento de fraqueza e de falsas virtudes. O sofrimento do estigma sórdido que acompanhou toda a vida do Marquês o fez anular o outro (o seu próximo) como mata-borrão de suas fraquezas morais.

O deserto, que foi para ele a Bastilha, e a literatura transformada na única saída da paixão constituíram o grande lance que abriu as fronteiras do possível para além dos sonhos mais insensatos que o homem jamais tivera. Através de uma literatura condensada na prisão, fomos dada uma imagem fiel do homem diante do qual *o outro* deixaria de existir¹².

Sade identifica que na relação com o outro – ou seja, na relação social e interpessoal –, nos anulamos como sujeitos dos nossos próprios desejos, em nome do sujeito racional e moral o qual somos incitados a endossar perante a sociedade burguesa. Para ser o ideal de subjetividade, anulamos o *eu* que vive encarcerado dentro de cada indivíduo. A literatura erótica sadiana desperta e liberta esse ser libertino que é o verdadeiro eu. Se esse *ser* é impossibilitado de existir no mundo social, em Sade, ele encontra possibilidade de existência na literatura.

Da mesma forma, Foucault teoriza a propósito de sua *estética da existência*, a pontuar a possibilidade da atuação de um *esteta de si* apenas na marginalidade ou nas

¹¹ Bataille, G. *O Erotismo*, p.109.

¹² Bataille, G. *O Erotismo*, p.110, grifo nosso.

artes da existência. De um modo geral, o homem revelado na literatura sadiana emerge a partir da dissolução do sujeito racional. Com esse tipo de literatura, conhecemos saberes que a razão (soez e mesquinha) desconhece, e que só são possíveis através dos sentidos (generosos). Sem dúvida, a literatura erótica, grosso modo, nos concede o direito *de sentir, de ser aquele cuja realidade nos nega a existência*.

A disposição filosófica presente na literatura de Donatien nos garante tudo aquilo que excede à razão. É a volúpia zombando da contínua negação de si mesmo no mundo real. Para Sade, a volúpia, quanto mais se liga ao crime, mais forte se torna; visto que medo, desejo e infração de regras caminham juntos e se retroalimentam indiscriminadamente. Ceder ao medo é viver pela metade; por isso, Sade permite, em sua literatura, a existência do homem soberano, esteta de si e que vive resistindo aos medos incutidos na sede do sujeito moral. Ademais, o Marquês do ultraje e do grotesco nos permite admitir que, no fundo, “queremos um mundo subvertido, queremos um mundo pelo avesso”¹³.

Os heróis sadianos ou protagonistas sádicos têm em sua vida, pois, um heroísmo cínico; mediado em uma liberdade desenfreada e desmesurada. Por intermédio desse heroísmo, o ser humano torna-se capaz de vivenciar experiências autênticas de si em um mundo empírico, direto e de sentimentos reais; no qual a literatura pode ajudar a promover uma existência de estilização livre, *ética e estética*. Por ora, no entanto, o que vivemos nesse mundo é a negação de nós mesmos. Os sujeitos gastam as suas forças se alienando, em busca de agradar sempre o outro – seja ele Deus ou algo ideal e semelhante. Esgotamos, geralmente de maneira estúpida e vendida, as melhores possibilidades de sermos quem de fato somos. Cedemos lugar à fraqueza, à subserviência, ao medo. Dissolvendo esse sujeito, Sade abre espaço em seus romances ao homem verdadeiro, ao antissujeito que emerge das ruínas do sujeito moderno. A propósito disso, o sujeito em Sade igualmente aproxima-se em ser o mesmo *flâneur*, apresentado na literatura de Baudelaire e também comentando por Foucault, ao teorizar acerca do estilo dândi de vida e de existência¹⁴. Sobre essa nova configuração de sujeito,

¹³ Bataille, G. *O Erotismo*, p.111.

¹⁴ O *flâneur* em Baudelaire é o observador fantasmagórico, é um ser errante, um vagabundo; alguém que deambula pela cidade sem propósito aparente – mas que está secretamente em harmonia com a sua história e numa busca velada de aventura, seja ela estética ou erótica. Trata-se de um modo de vida corsário, a que Foucault – ao comentar sobre a possibilidade de estilos de vida autênticos no presente – denomina de *dandismo*.

diz Sade: “A alma passa por uma espécie de apatia que se metamorfoseia em prazeres mil vezes mais divinos que os que lhes proporcionam as fraquezas”¹⁵.

Com as personagens *Juliette e Justine*, em *Os Infortúnios da virtude* (1788), Sade nos leva a cotejar o sujeito virtuoso – fundado pelos princípios apregoados pelo humanismo – com a desgraça e a fraqueza pusilânimes: representadas em Justine e contrapostas no paradoxo de sua irmã. Em *Juliette*, por seu turno, há a representação da alma libertina e soberana. Com ênfase, nos é apresentada nessa novela uma ressignificação do humano, segundo a qual a negação da virtude faz do homem livre e senhor de si mesmo. A representação das duas irmãs nos faz ver claramente que o excesso se opõe à razão, e a vida existe de fato no excesso. Isso é apresentado na exposição da vida virtuosa, porém oprimida, de Justine, e na vida libertina e verdadeiramente vívida de sua irmã, Juliette. Justine representa o sujeito moderno, aquele mesmo, que segundo Foucault¹⁶, estava prestes a desaparecer como um rosto na areia da orla marítima. O homem soberano de Sade, nessa e em outras novelas, é, portanto, apresentado na vida de *Juliette*; como a atuação do *soberano esteta de si* – igualmente presente nas teorizações éticas de Foucault e também de Bataille.

Nesse sentido (ética e esteticamente) é que nos é – em síntese – possível pontuar essas duas personagens de Sade: Justine, como exemplo do sujeito moderno centrado, racional, moral, sonhado por toda uma tradição filosófica idealista – e morta de forma súbita e trágica (com um raio que lhe parte da boca à vagina). E Juliette, contrariando em combate a sua irmã, e a ela sobrevivendo. Por essa antítese, Sade nos apresenta a segunda – Juliette – como a representação de um sujeito disposto a afogar o seu ser, a sacrificar o seu par, a prescindir de cúmplices em busca de desconstrução e de reconstrução contínuas. A encarnar o sujeito à deriva e ao avesso, a notável e pervertida Juliette se entrega aos sentidos, às sensações, aos desejos, aos prazeres e os vence a todos.

Essa mesma Juliette é o sujeito ético da invenção e da escrita de si, sonhado por Foucault em abertura a uma nova filosofia do sujeito: a destituí-lo da modernidade e a despi-lo inteiramente para enfrentar o seu presente. Concluímos que é impossível

¹⁵ Sade, M. de. *Apud* Bataille, G. *O Erotismo*, p.113.

¹⁶ “Então se pode apostar que o homem desvanecerá; tal como, na orla do mar, um rosto na areia” Foucault, M. *As Palavras e as coisas*, p.536.

teorizar sobre a subjetividade pós-moderna sem se voltar para a literatura erótica e filosófica do homem que abalou as estruturas da filosofia do sujeito e da metafísica moderna, Donatien Alphonse François de Sade, o *Marquês de Sade*.

The subject dissolution and the aesthetic of existence as ethical transgression experiences, in Sade and in Foucault.

Abstract:

The stylist and overcoming subject which Michel Foucault (1926-1984) brings up in his last work is punctuated, not only as a result of reflection and experience the author has from his readings of Sade (1740-1814), Nietzsche (1844-1900), Bataille (1897-1962) and Klossowski (1905-2001), as well as an aesthetical labor of his own philosophical and political acting in the intellectual and cultural atmosphere of contemporary western thought. Foucault *inspires himself* (frequently in horror) and takes his philosophical aim in tearing the subject up itself; or coping the dissolution of elements that attach it to the rationalism of power moral conventions. That is what we may also call as destruction or dissolution of the subject.

Key-words: Aesthetic of existence; eroticism; subject; transgression; dissolution.

Referências:

Bataille, Georges. *O Erotismo*. Tradução Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

Blanchot, Maurice. *O Espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

Foucault, Michel. *A História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque, 16ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *A História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Ditos e escritos. A Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Mota. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Mota. Tradução de Elisa Monteiro e de Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Ditos e escritos. Estética, literatura e pintura*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Mota. Tradução de Elisa Monteiro. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de

Salma Muchail. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MORAIS. Eliane Robert. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

Ortega, Francisco. *A amizade e a estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

Sade, Marquês de. *Obras selectas*. Notas e introdução de Roland Barthes, F. Sollers y Pierre Klosowsky sobre la historia de la perversión. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 2005.

_____. *Os Crimes do amor*. Tradução de Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. *Os 120 dias de Sodoma, ou a escola da libertinagem*. Tradução e notas de Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. *Las Desventuras de la virtud*. Tradução para o espanhol de Luis Echávarri. Buenos Aires: Letras Universales, 2005.